

ROTEIRO DE ATIVIDADES ORIGINAL CONTO 9º ANO

PALAVRAS-CHAVE: conto; figuras de linguagem; elementos da narrativa; tipos de discurso.

TEXTO GERADOR I

Longe como o meu querer

Regressava ao castelo com suas damas, quando do alto do cavalo o viu, jovem de longos cabelos à beira de um campo. E, embora fossem tantos os jovens que cruzavam seu caminho, a partir daquele instante foi como se não houvesse mais nenhum. Nenhum além daquele.

À noite, no banquete, não riu dos saltimbancos, não aplaudiu os músicos, mal tocou na comida. As mãos pálidas repousavam. O olhar vagava distante.

– Que tens, filha, que te vejo tão pensativa? – perguntou-lhe o pai.

– Oh! pai, se soubesses! – exclamou ela, feliz de partilhar aquilo que já não lhe cabia no peito. E contou do rapaz, do seu lindo rosto, dos seus longos cabelos.

O que o pai pensou, não disse. Mas no dia seguinte, senhor que era daquele castelo e das gentes, ordenou que se decapitasse o jovem e se atirasse seu corpo ao rio. A cabeça entregou à filha em bandeja de prata, ele que sempre havia satisfeito todas as vontades.

– Aqui tens o que tanto desejas.

E sem esperar resposta, sem querer procurá-la em seus olhos, retirou-se.

Saído o pai, a castelã lavou aquele rosto, perfumou e penteou os longos cabelos, acarinhou a cabeça no seu colo. À noite pousou-a no travesseiro ao lado do seu, e deitou-se para dormir.

Porém, no escuro, fundos suspiros barraram a chegada do seu sono.

– Por que suspiras, doce moço? – perguntou voltando-se para o outro travesseiro.

– Porque deixei a terra arada no meu campo. E as sementes preparadas no celeiro. Mas não tive tempo de semear. E no meu campo nada crescerá.

– Não te entristeças – respondeu a castelã. – Amanhã semearei teu campo.

No dia seguinte, chamou sua dama mais fiel, pretextou um passeio, e saíram ambas a cavalo. Apearam no campo onde ela o havia visto a primeira vez. A terra estava arada. No celeiro encontraram as sementes. A castelã calçou tamancos sobre seus sapatinhos de cetim, não fosse a lama denunciá-la ao pai. E durante todo o dia lançou sementes nos sulcos.

À noite deitou-se exausta. Já ia adormecer, quando fundos suspiros a retiveram à beira do sono.

– Por que suspiras, doce moço, se já semeei teu campo?

– Porque deixei minhas ovelhas no monte, e sem ninguém para trazê-las ao redil serão devoradas pelos lobos.

– Não te entristeças. Amanhã buscarei tuas ovelhas.

No dia seguinte, chamou aquela dama que mais do que as outras lhe era fiel e, pretextando um passeio, saíram juntas além dos muros do castelo.

Subiram a cavalo até o alto do monte. As ovelhas pastavam. A castelã cobriu sua saia com o manto, não fossem folhas e espinhos denunciá-la ao pai. Depois, com a ajuda da dama reuniu as ovelhas e, levando o cavalo pelas rédeas, desceu com o rebanho até o redil.

Que tão cansada estava à noite, quando o suspiro fundo pareceu chamá-la!

– Por que suspiras, doce moço, se já semeei teu campo e recolhi tuas ovelhas?

– Porque não tive tempo de guardar a última palha do verão, e apodrecerá quando as chuvas chegarem.

– Não te entristeças. Amanhã guardarei a tua palha.

Quando no dia seguinte mandou chamar a mais fiel, não foi preciso explicar-lhe aonde iriam.

Pretextando desejo de ar livre, afastaram-se ambas do castelo.

Os feixes de palha, amontoados, secavam ao sol. A castelã calçou os tamancos, protegeu a saia, enrolou tiras de pano nas mãos, não fossem feridas denunciá-la a seu pai. E começou a

carregar os feixes para o celeiro. Antes do anoitecer tudo estava guardado, e as duas regressaram ao castelo.

Nem assim manteve-se o silêncio no escuro do quarto da castelã.

– Por que suspiras, doce moço? – perguntou ela mais uma vez. – Por que suspiras, se já semeei teu campo, recolhi tuas ovelhas e guardei tua palha?

– Porque uma tarefa mais é necessária. E acima de todas me entristece. Amanhã deverás entregar-me ao rio. Só ele sabe onde meu corpo espera. Só ele pode nos juntar novamente antes de entregar-nos ao mar.

– Mas o mar é tão longe! – exclamou a castelã num lamento.

E naquela noite foram dois a suspirar.

Ao amanhecer a castelã perfumou e penteou os longos cabelos do moço, acarinhou a cabeça, depois a envolveu em linhos brancos e chamou a dama.

Os cavalos esperavam no pátio, o soldado guardava o portão. – Vamos entregar alguma comida para os pobres – disseram-lhe. E saíram levando seu fardo.

Seguindo junto à margem, afastaram-se da cidade até encontrar um remanso. Ali apearam.

Abertos os linhos, entregaram ao rio seu conteúdo. Os longos cabelos ainda flutuaram por um momento, agitando-se como medusas. Depois desapareceram na água escura.

De pé, a castelã tomou as mãos da sua dama. Que lhe fosse fiel, pediu, e talvez um dia voltassem a se ver. Agora, cada uma tomaria um rumo. Para a dama, o castelo. Para ela, o mar.

– Mas é tão longe o mar! – exclamou a dama.

Montaram as duas. A castelã olhou a grande planície, as montanhas ao fundo. Em algum lugar além daquelas montanhas estava o mar. E em alguma praia daquele mar o moço esperava por ela.

– A distância até o mar – disse tão baixo que talvez a dama não ouvisse – se mede pelo meu querer.

E esporeou o cavalo.

(Marina Colasanti)

Vocabulário

saltimbanco: artista popular itinerante

castelã: (feminino de castelão) senhora ou dona do castelo

redil: curral

remanso: trecho de rio, após as corredeiras, onde as águas se espalham amplamente, anulando quase de toda correnteza

LEITURA

QUESTÃO 1

Considerando o aspecto temporal da narrativa, pode-se afirmar que

(A) o tempo é psicológico.

(B) o tempo é cronológico.

(C) foi utilizada a técnica do flash-back.

(D) não há expressões que delimitem o tempo.

(E) dentro do tempo psicológico, empregou-se o tempo cronológico.

Habilidade trabalhada: Identificar o foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.

Resposta Comentada:

Antes de chegar à resposta em si, o professor deve mostrar ao aluno a diferença entre o tempo cronológico e o tempo psicológico. Tempo cronológico é o contado no relógio, horas, dias, anos, numa ordem linear de tempo. Uma sequência em sentido horário, sempre para frente. Presente e futuro. Tempo psicológico é "mental", não segue uma ordem linear, sequencial, seguindo o pensamento, podendo voltar no tempo por meio das recordações do narrador (flashback), nas lembranças... Pode ficar viajando entre o passado, presente e futuro. Depois disso é preciso mostrar aos alunos a presença de palavras e expressões que delimitem o tempo como “À noite”, “No dia seguinte”, etc. Desta forma, espera-se que o aluno conclua que a resposta para essa questão se encontra na letra B, já que a história é contada de uma maneira linear.

QUESTÃO 2

O conto é uma narrativa curta que apresenta as seguintes partes:

| | | |
|---|----------------------------|--|
| ENREDO Conjunto de fatos compõem história. | Estrutura clássica: | 1. Apresentação ou exposição: descrição das personagens, do tempo e/ou do espaço. |
| | | 2. Complicação: parte em que se desenvolve o conflito. |
| | | 3. Clímax: momento de maior tensão da narrativa. |
| | | 4. Desfecho ou conclusão: a solução dos conflitos. |
| Obs.: Algumas narrativas apresentam um enredo psicológico: os fatos nem sempre são evidentes, ou seja, não equivalem a ações concretas, mas a movimentos interiores. | | |

Tendo como base essas informações, aponte, no conto *Longe como meu querer*, o trecho que identifica o início do conflito.

Habilidade trabalhada: Identificar o foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.

Resposta Comentada:

O quadro acima tem por finalidade facilitar a compreensão das partes que constituem o **ENREDO**. É importante nesta questão que o professor faça a divisão desse enredo para que o aluno possa dessa forma entender essa teoria. Além disso, o professor pode levar outros textos para que os alunos pratiquem esse exercício de reconhecimento dos trechos constitutivos do enredo. Depois disso, o professor deve questionar e instigar os alunos para que esses percebam que o conflito se inicia com a ordem do rei para a decapitação do jovem (“... ordenou que se decapitasse o jovem e se atirasse seu corpo ao rio. A cabeça entregou à filha em bandeja de prata, ...”)

USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 3

Leia os períodos.

- I. “– Mas o mar é tão longe! – exclamou a castelã num lamento.”
II. “Que lhe fosse fiel, pediu, e talvez um dia voltassem a se ver.”

Em relação ao tipo de discurso, é possível afirmar que

- (A) o período I apresenta discurso direto e o período II, discurso indireto.
(B) o período I apresenta discurso indireto e o período II, discurso direto.
(C) o período I apresenta discurso direto e o período II, discurso indireto livre.
(D) os dois períodos apresentam discurso indireto.
(E) os dois períodos apresentam discurso direto.

Habilidade trabalhada: Identificar o uso dos discursos direto e indireto.

Resposta comentada

É válido iniciar esta questão fazendo uma revisão sobre os conceitos de discurso direto e indireto. No *discurso direto*, conhecemos a personagem através de suas próprias palavras. Para construí-lo, usamos o travessão e os verbos "de dizer" ou verbos *dicendi* como os verbos falar, dizer, responder, retrucar, indagar, declarar, exclamar e assim por diante. No *discurso indireto*, o narrador "conta" o que a personagem disse. Desta forma, conhecemos suas palavras indiretamente. Depois dessa pequena revisão, ficará bem mais fácil para o aluno identificar a presença de ambos os discursos. No primeiro caso, o discurso é direto e no segundo, o discurso é indireto.

TEXTO GERADOR II

O defunto vivo

Em alguns arraiais do interior mineiro, quando morria alguém, costumavam buscar o caixão na cidade vizinha, de caminhão. Certa feita, vinha pela estrada um caminhão com sua lúgubre encomenda, quando alguém fez sinal, pedindo carona. O motorista parou.

- Se você não se incomodar de ir na carroceria, junto ao caixão, pode subir.

O homem disse que não tinha importância, que estava com pressa. Agradeceu e subiu. E a viagem prosseguiu.

Nisto começa a chover. O homem, não tendo onde se esconder da chuva, vendo o caixão vazio, achou melhor deitar-se dentro dele, fechando a tampa, para melhor abrigar-se. Com o balanço da viagem, logo pegou no sono.

Mais na frente, outra pessoa pediu carona. O motorista falou:

- Se você não se importa de viajar com o outro que está lá em cima, pode subir.

O segundo homem subiu no caminhão. Embora achasse desagradável viajar com um defunto num caixão, era melhor que ir a pé para o povoado.

De tempos em tempos, novos caronas subiam na carroceria, sentavam-se respeitosos em silêncio, em volta do caixão, enquanto seguiam viagem.

Avizinhando-se o arraial, ao passar num buraco da estrada, um tremendo solavanco sacode o caixão e desperta o dorminhoco que se escondera da chuva dentro dele.

Levantando devagarinho a tampa do caixão e pondo a palma da mão para fora, fala em voz alta:

- Será que já passou a chuva?

Foi um corre-corre dos diabos. Não ficou um em cima do caminhão. Dizem que tem gente correndo até hoje.

Fim

(Weitzel, Antônio Henrique. **Folclore literário e linguístico**. Juiz de Fora, MG. EDUFJF, 1995)

LEITURA

QUESTÃO 4

O enredo de “O defunto vivo” pode ser dividido em quatro momentos: situação inicial, início do conflito, auge do conflito e conclusão, como podemos perceber no esquema abaixo.

I- Situação inicial: O narrador contextualiza a história apresentando indicações de espaço e tempo, os personagens centrais e os acontecimentos que vão dar origem e suporte ao surgimento do conflito. Vai de “Em alguns arraiais...” até “E a viagem prosseguiu”.

II- Início do conflito: Cai uma chuva, o primeiro carona se esconde dentro do caixão, fecha-o e acaba dormindo. Outros caronas sobem na carroceria e supõem haver um morto no caixão. Vai de “Nisto começa a chover” até “...enquanto seguiam viagem”.

III- Auge do conflito: O primeiro carona acorda, abre o caixão e fala em voz alta. Vai de “Avizinando-se o arraial...” até “- Será que já parou a chuva?”.

IV- Conclusão: Os caronas se assustam com a atitude do suposto defunto e somem em disparada do caminhão. Vai de “Foi um corre – corre...” até “...correndo até hoje”.

Assinale a opção que apresenta a divisão correta das partes do texto:

- a) Todas são verdadeiras.
- b) Apenas I, II e IV são corretas.
- c) Apenas I e II estão corretas.
- d) Apenas III e IV são corretas.
- e) Nenhuma está correta.

Habilidade trabalhada: Identificar o foco narrativo (narrador), espaço, tempo, personagens e conflito.

Resposta Comentada:

Essa questão foi elaborada com a intenção de fazer com que o aluno seja capaz de identificar as partes constitutivas do texto, deixando de lado a abstração que existe em relação a esse tema. Apenas falar ou comentar sobre a divisão do texto em partes menores é muito pouco quando se quer fazer do aluno um leitor e escritor competente. Desta maneira, o professor deve ir ao texto e junto com os alunos identificar cada parte e demonstrar aos educandos que todas as partes foram devidamente separadas.

USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 5

O autor, ao nomear o seu texto, utilizou uma figura de linguagem. Identifique essa figura e explique os prováveis objetivos do uso dela no texto.

Habilidade trabalhada: Identificar a presença de figuras de palavra, pensamento e de sintaxe nos gêneros estudados.

Resposta Comentada:

Nesta questão, é interessante fazer uma breve revisão sobre figuras de linguagem, explicando para a turma, por meio de exemplos, esse assunto. Depois disso, o professor deve estimular os alunos para que eles percebam qual a intenção do autor ao utilizar a expressão “defunto vivo” e que essa idéia é contraditória, pois só pode ser defunto, o sujeito que se encontra morto. Assim, o aluno perceberá que o autor procurou aproximar palavras de ideias opostas, o que configura uma antítese e que o objetivo é nos informar, de modo ambíguo e provocante, sobre o conteúdo que será desenvolvido na história, despertando a nossa curiosidade e interesse pela leitura.

TRECHO REMOVIDO